

O futuro da cultura indígena

O SOCIÓLOGO E PENSADOR EDGAR MORIN PRETENDE DISCUTIR A QUESTÃO DO EXTERMÍNIO DO ÍNDIO BRASILEIRO, COM FHC

Se tivesse uma única pergunta a fazer ao presidente Fernando Henrique Cardoso, na mesa-redonda da Sorbonne, quarta-feira, Edgar Morin — um dos papas das ciências humanas na França e participante do encontro — abordaria direto a questão da sobrevivência das últimas comunidades indígenas do Brasil, pois elas constituem um dos elementos essenciais da riqueza e originalidade da mais bela síntese de civilização mestiça existente no mundo — a “civilização brasileira”.

“Gostaria de saber que tipo de ação o presidente do Brasil pretende realizar para acabar com o extermínio dos índios da Amazônia, detentores de tradições milenares.”

Após atender a um telefonema de Umberto Eco, da Itália, Morin, que recebe o repórter em sua residência no bairro parisiense do

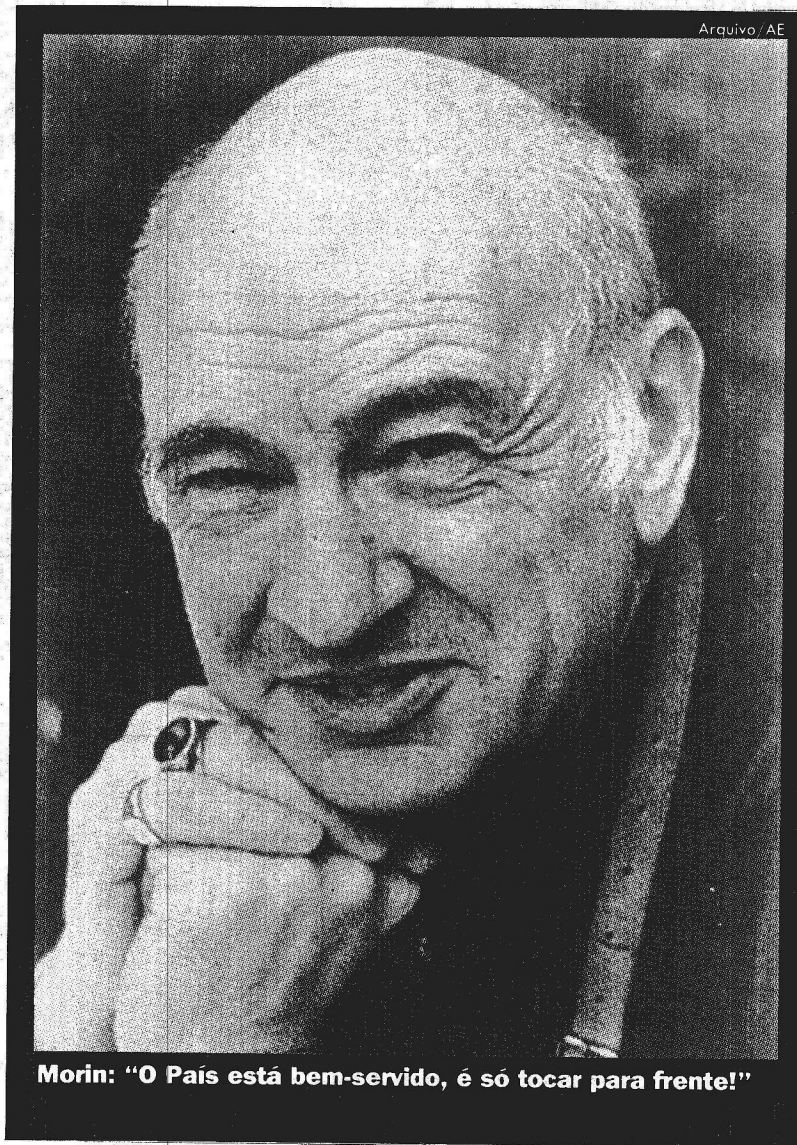
Marais, prossegue: “A questão talvez não seja central para os brasileiros em geral, porém, para mim, membro da organização Survival International, a questão é muito importante. A democracia não é apenas o governo da maioria, mas, também, do respeito às minorias. Trata-se, no caso do Brasil, de preservar o que resta da humanidade pré-histórica e de sua cultura, de sua sabedoria, agora mesmo objeto de estudos específicos, por exemplo, no campo da etnofarmacopeia na Universidade de João Pessoa. Meus amigos paraibanos estão resgatando conhecimentos farmacêuticos e médicos indígenas importantes e que já começam a ser utilizados.”

Autor de uma obra de referência

mundial, em particular, no domínio da sociologia, antropologia, história e filosofia. Edgar Morin, que conheceu Fernando Henrique nos tempos de exílio deste na França, faz questão de antecipar os obstáculos previsíveis a uma ação presidencial para o resguardo das comunidades indígenas: “De um lado, há os interesses econômicos em marcha acelerada para rentabilizar a Amazônia; de outro lado, o perigo das chamadas políticas de proteção dos índios que, tentando evitar a integração, podem acabar provocando a desintegração total.”

Ao presidente Fernando Henrique, Edgar Morin pretende perguntar também quais são “os propósitos de seu governo em relação à América Latina”, visto a liderança virtual que o Brasil exerce na região. “A América Latina enfrenta ainda cri-

ses. Sofre os traumatismos dos séculos precedentes de ditadura, mas, de qualquer forma, avança nos grandes itinerários da democracia, se defende corajosamente das ameaças de marasmo ou do caos econômico e mostra que o futuro lhe pertence. Com tanta vitalidade, a região tende a desempenhar papel relevante na organização do mundo do século 21. E esse futuro será tanto mais rico e seguro quanto for a determinação da América Latina de se confederar, de fazer algo idêntico ao projeto da União Européia. De saída, já há essa vantagem com a qual os europeus não contaram — a existência praticamente de uma só língua, o espanhol. A Confederação da América Latina que já tem seu



Morin: “O País está bem-servido, é só tocar para frente!”

embrião no Mercosul, precisa florescer.”

O pensador francês adianta que, dependendo das “circunstâncias e dos desdobramentos” de seu diálogo com FHC, irá focalizar a necessidade do fortalecimento dos laços entre os países que falam línguas latinas. “Na verdade, estas línguas possuem vocação universalista, têm vitalidade própria e, por isso mesmo, encontrarão o jeito de viver e de se exprimir em toda a parte, inclusive na Internet. Em todo caso, precisamos defendê-las, não propriamen-

te por causa do inglês, essa espécie de esperanto que facilita as ligações, as transações, questões técnicas, mas que também não se tornará o idioma dominante no planeta. Basta ver a notável propagação do espanhol dentro dos próprios Estados Unidos. Temos que defender as línguas latinas simplesmente porque elas são expressões de civilizações diversas e que precisam ser preservadas.”

Dentro desse espírito de cooperação, Edgar Morin irá pedir ao presidente Fernando Henrique, que su-

prima a exigência de visto diplomático para que os franceses possam ir ao Brasil. “Farei, na primeira ocasião, a mesma solicitação ao Presidente Jacques Chirac em relação aos brasileiros”, ele garante. “Óbvio, no caso específico, a primeira coisa a fazer, no sentido da solidariedade, do maior intercâmbio cultural franco-brasileiro, é deixar livre, dos dois lados, a entrada de seus nacionais.”

O autor de *L'Esprit du Temps* lembra, então, com certa nostalgia, a intensidade das relações culturais entre o Brasil e a França, nos anos 30, quando foi criada a Universidade de São Paulo com a participação de universitários franceses que se tornariam, depois, mundialmente célebres, como, por exemplo, Claude Lévi-Strauss, “pai” da antropologia moderna, e Fernand Braudel, o grande artífice da *Nouvelle Histoire*. Morin comenta: “Apesar de todas as facilidades criadas pela comunicação moderna, continuamos tendo noções muito sumárias sobre a cultura brasileira. Na literatura, conhecemos o eterno e sempre ótimo Jorge Amado, o grande Gilberto Freyre e agora Paulo Coelho, de quem acabo de ler *O Alquimista*, com muito prazer.”

Nesse ponto e sem aparente alusão a Paulo Coelho, o humanista francês manifesta surpresa com a atitude dos intelectuais brasileiros em geral em relação às diversas manifestações da cultura popular. “No Brasil sou zombado pelos intelectuais porque gosto das novelas de televisão. Adorei *Dona Beija*. Con-

fesso que tenho também meus momentos de êxtase no Maracanã e no Pacaembu, vendo aqueles gols espetaculares. Intelectuais brasileiros dizem que a celebração nos estádios é alienação. Que nada, você pode amar o futebol e ser um bom cidadão, consciente e independente.”

Para o mestre francês, é justamente com esse “extrordinário talento para a vida que o Brasil poderá inventar sua própria via, oferecer ao mundo alternativas para uma civilização que tende a se mundializar de forma sinistra, simétrica, mecânica, na mais absoluta homogeneização.”

Quanto às possibilidades do Presidente Fernando Henrique de conduzir esse processo de “reinvenção do Brasil”, o pensador francês considera: “Sabe, muita gente, como eu, não daria o poder maquinalmente aos filósofos e sociólogos só por causa de seus méritos teóricos ou enganosas utopias. Eles poderiam fazer pior do que os políticos profissionais. O caso de Cardoso é bem diferente — ele acumulou experiências de vida importante, conheceu o exílio. O exílio maltrata mas ensina. Depois, no exercício da política, teve a oportunidade de encarar os problemas humanos por diferentes ângulos. Deixaria de lado sua formação acadêmica, porque você pode ser sociólogo e não ter o menor jogo de cintura, vendo os problemas humanos somente por meio das estatísticas. Em suma, creio que o poder intelectual e político fizeram a boa aliança na pessoa de Cardoso. O País está bem-servido, agora, é só tocar para frente!”

“...VOCÊ
PODE AMAR
O FUTEBOL
E SER
UM BOM
CIDADÃO,
CONSCIENTE E
INDEPENDENTE”